



DOSSIÊ TEMÁTICO

CONFLITUALIDADES NA ÁFRICA SUBSAARIANA: ATORES, ESCALAS, DINÂMICAS ESPACIAIS

Entrevista



Dinâmicas recentes da conflitualidade armada no Sahel central. Entrevista com Mamoudou Gazibo

Por Mamoudou Gazibo & Frédéric Monié

Mamoudou Gazibo

Professor titular de Ciências Políticas;
Universidade de Montreal, Quebec, Canadá,
Contato: mamoudou.gazibo@umontreal.ca

Frédéric Monié

Professor do Programa de Pós-Graduação em
Geografia (PPGG), Universidade Federal do Rio
de Janeiro; Coordenador da GeoÁfrica; Editora
do Boletim GeoÁfrica

Ripras: <http://lattes.cnpq.br/7949111377775985>

orcid.org/0000-0002-8738-3301

Contato: fredericmonie@igeo.ufrj.br

Biografia: Mamoudou Gazibo (Ph.D.,
Université Montesquieu-Bordeaux IV, 1998) é
professor titular no Departamento de Ciência
Política da Université de Montréal, onde foi
recrutado em 2001. Ele presidiu o comitê de
redação da Constituição do Níger em 2010 e
presidiu a Seção 44 da Associação Americana de
Ciência Política (APSA) entre 2014 e 2016. Seu
trabalho foca no Estado, democratização,
reformas institucionais, cooperação China-
África e na questão do surgimento africano. Ele
publicou sozinho, em colaboração ou como
editor, cerca de quinze livros com editoras no
Canadá, Estados Unidos, França e Grã-Bretanha.
Além disso, publicou cerca de 80 artigos e
capítulos sobre os temas mencionados acima. Em
termos de formação da próxima geração, ele
supervisionou mais de 120 estudantes de
mestrado e cerca de vinte estudantes defenderam
seus doutorados sob sua supervisão. Por fim, ele
obteve diversas bolsas de pesquisa e coordena o
Pôle de recherche sur l'Afrique et o mundo
emergente (PRAME).



Como citar

GAZIBO, M; MONIÉ, F. Dinâmicas recentes de
conflito armado no Sahel Central. Entrevista
com Mamoudou Gazibo. **Boletim GeoÁfrica**, v.
4, n. 13, p. 18-24, jul.-dez. 2025



Entrevista com Mamoudou Gazibo¹

Boletim GeoÁfrica. *Professor Mamoudou Gazibo, agradecemos sinceramente por aceitar compartilhar seus conhecimentos sobre a dinâmica dos conflitos armados na África Subsaariana, especialmente no Sahel. Para iniciarmos nossa conversa, poderia nos explicar quais são as principais características que diferenciam os conflitos atuais no Sahel central daqueles ocorridos nas décadas de 1980 e 1990 em países como Libéria, Serra Leoa e Ruanda?*

Mamoudou Gazibo: A dinâmica dos conflitos atuais difere significativamente das do passado. Já nos anos 1990, observava-se uma mudança em relação aos conflitos anteriores. No período que se seguiu à onda de independências, aproximadamente entre 1960 e 1990, os conflitos estavam fortemente associados às consequências da descolonização, à Guerra Fria e à divisão do mundo em dois blocos antagônicos. Quando não envolviam diretamente Estados, eram conduzidos por atores organizados, frequentemente apoiados por patrocinadores regionais ou internacionais, que externalizavam seus interesses por meio de grupos intermediários. Dessa forma, tratava-se de conflitos “organizados” e relativamente controlados, cuja duração e resolução podiam ser negociadas em nível internacional entre as potências envolvidas. Um exemplo emblemático é a guerra civil em Angola, que contou com diversos atores locais (UNITA, MPLA, FNLA) e o apoio de patrocinadores internacionais (Cuba e URSS ao lado do MPLA, Estados Unidos e África do Sul ao lado dos demais).

No final da Guerra Fria, em 1990, essa lógica de regulação desapareceu para dar lugar ao que Zaki Laïdi chamou de “um mundo privado de significado”, ao contrário do mundo da Guerra Fria estruturado por ideologias liberais e marxistas. Nesse ambiente, novos tipos de conflito surgiram, culminando na Libéria e na Serra Leoa. Essas são “guerras civis moleculares”, para usar Hans Magnus Enzensberger, que queria caracterizar por essa expressão guerras sem ideologia específica, privatizadas e geralmente de barbárie indescritível. Mulheres foram estupradas, crianças massacradas e recrutadas à força para grupos armados, e homens mutilados, especialmente na Libéria e Serra Leoa.

O que está acontecendo no Sahel central agora, e que começou no Mali após a queda do coronel Gaddafi na Líbia em 2011, é novo e difícil de caracterizar. Esse conflito mistura grupos que afirmam ser portadores de significado com outros versados em crime ou tráfico de drogas.

¹ A entrevista foi realizada por e-mail e em francês. As respostas foram recebidas em 02 de dezembro de 2025 e traduzidas por Frédéric Monié



Não há necessariamente uma fronteira à prova de água entre esses grupos, que às vezes compartilham os mesmos fornecedores de armas e as mesmas regiões sangrentas. Em 2012, por exemplo, rebeldes tuaregues malienses que deveriam lutar pela independência de Azawad enfrentaram grupos islamistas que queriam estabelecer um califado transfronteiriço, em meio a sequestros de estrangeiros para resgate e à segurança das rotas de cocaína.

Boletim GeoÁfrica. *Como a precariedade dos serviços públicos essenciais (saúde, educação, segurança) e a incapacidade dos estados do Sahel central de controlar fronteiras e territórios alimentam o conflito atual?*

Mamoudou Gazibo : As causas do conflito no Sahel central são numerosas. Certamente, o colapso do regime líbio, sob o efeito combinado de uma insurreição popular e da intervenção da França, Grã-Bretanha e Estados Unidos, serviu como catalisador ao promover a disponibilidade e o tráfico de armas na região. No entanto, também possui fontes internas estruturais e outras fontes relacionadas à governança. Esses países, especialmente Níger e Mali, são os dois maiores estados da África Ocidental, cada um com uma área duas vezes maior que a França. Compartilhando características climáticas, sociodemográficas e econômicas comparáveis a Burkina Faso, eles estão entre os países mais pobres do mundo.

Mesmo com vontade política e boa gestão, o desafio que seus governantes sempre enfrentaram é colossal. Tudo é prioridade nesses países: saúde, educação, infraestrutura ou agricultura não industrial, da qual depende a maioria da população e que está sujeita às variações da natureza, especialmente neste período de mudanças climáticas. Nos últimos anos, vários choques, como a desertificação, mudaram estilos de vida, destruindo a vida nômade em muitas áreas, tornando a terra infértil e causando um êxodo do interior para cidades que não estão prontas para absorvê-las em termos de infraestrutura ou emprego.

Além desses fatores estruturais, há uma má governança, uma democracia equivocada marcada por crises eleitorais e políticas e golpes de Estado, uma situação que impede a implementação de projetos sociais de longo prazo. Nesse contexto, o Estado se acovardava sobre as elites e as cidades, especialmente a capital, permitindo que lógicas locais se desenvolvessem no interior, que frequentemente assumiam aparências conflituosas. As acusações que ouvimos sobre o papel da comunidade Fulani na ascensão dos grupos armados, especialmente no Mali e em



Burkina Faso, estão ligadas a esse enfraquecimento dos laços sociais, mudanças nos estilos de vida impostas pelas mudanças climáticas e à incapacidade dos Estados de oferecer soluções.

Boletim GeoÁfrica. *Podemos considerar que os sucessivos golpes de Estado no Sahel central (Mali, Burkina Faso, Níger e, até certo ponto, Chade) enfraqueceram a arquitetura regional de segurança?*

Mamoudou Gazibo: Pode ser cedo demais para responder a essa pergunta, especialmente porque poucas informações sobre a situação no terreno são comunicadas ao público. No entanto, duas dinâmicas devem ser distintas ao falar da arquitetura regional de segurança e seu possível enfraquecimento do país.

Primeiro, há cooperação entre os Estados. Hoje, independentemente do que se pense da aliança dos Estados do Sahel, está claro que ela vai mais longe em termos de cooperação em segurança do que alianças anteriores, como o G5 Sahel, que nunca funcionou. O mesmo pode ser dito da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO), que simplesmente não se comprometeu com nenhum esforço regional de segurança, apesar do contágio de países como Costa do Marfim, Togo e Benin. Sob esse ponto de vista, houve progressos inegáveis em termos de apoio recíproco, compartilhamento de informações e início da união de recursos entre os três países.

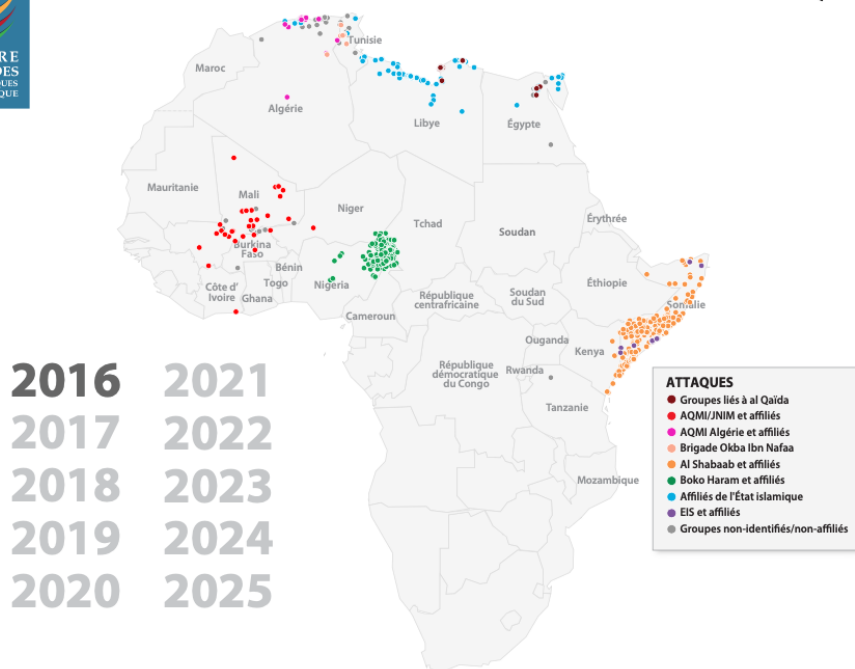
Depois, com os golpes de Estado nesses países, também vimos o fim da presença ocidental — especialmente francesa — em Burkina Faso, Mali e Níger. Por trás dessa ruptura está o desejo de afirmar a soberania desses países no campo da defesa, que é a priori uma aspiração e dever legítimos para qualquer Estado. Resta saber, a longo prazo, se essa presença condenada diminuirá as capacidades dos exércitos locais, especialmente em termos de inteligência, apoio que França e Estados Unidos, em particular, afirmaram estar fornecendo. Por enquanto, nos últimos dois anos, houve uma intensificação das ações dos grupos armados e um aumento da letalidade nos três países, apesar da retórica de segurança e dos esforços reais para investir em capacidades militares. Será que essa é a última resistência, como os regimes afirmam, ou a prova de que estão perdendo terreno? Devemos esperar pelo teste dos fatos para tirar conclusões.



Cartograma 1. Evolução dos grupos islamistas militantes na África



L'ÉVOLUTION DES GROUPES ISLAMISTES MILITANTS EN AFRIQUE



Note: Compilé par le Centre d'études stratégiques de l'Afrique, chaque carte montre des événements violents impliquant les groupes indiqués au cours d'une année se terminant le 30 juin. Les membres de groupes indiqués ne les sont qu'à des fins d'information et ne doivent pas être considérés comme des désignations officielles. En raison de la nature fluide de certains groupes, leur membres sont susceptibles de changer.

Sources: Projet de données sur la localisation et les événements des conflits armés (ACLED); Centre pour la démocratie et les droits de l'homme; Institut Hiraal; HumAngle; International Crisis Group; Institut d'études de sécurité; MENASTREAM; Washington Institute; et les Nations Unies.

Fonte: <https://africacenter.org/fr/spotlight/fr-2025-mig-10-ans/>

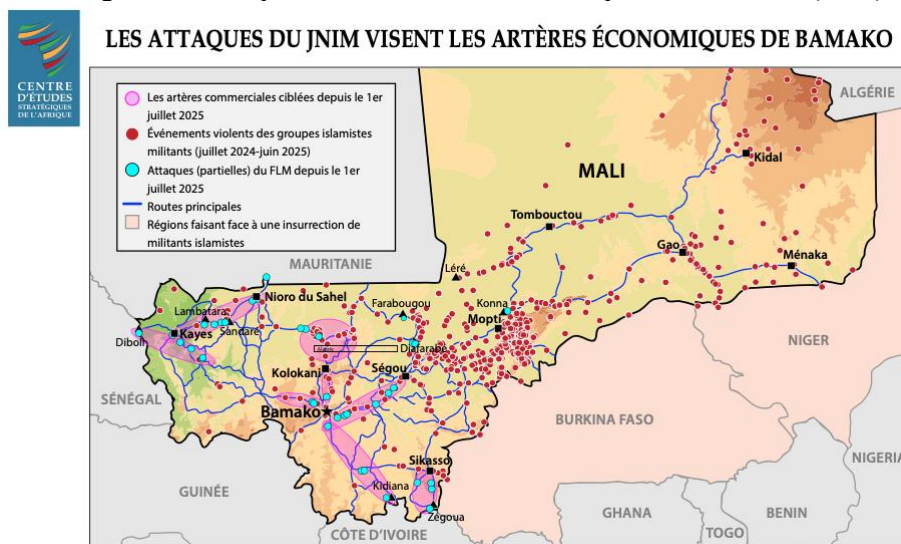
Boletim GeoÁfrica. Desde julho de 2025, o Grupo de Apoio ao Islã e aos Muçulmanos (GSIM), um "afiliado" da Al-Qaeda no Sahel, parece estar desenvolvendo uma nova estratégia no Mali. Você acha que as táticas atuais do grupo (expansão das áreas de operação, cerco de cidades, cobrança sistemática de impostos nas estradas, imposição de regras da Sharia, desorganização das redes de suprimentos de Bamako, etc.) refletem uma estratégia de conquista do poder político neste país? Podemos imaginar um efeito dominó em escala regional?

Mamoudou Gazibo: De fato, nos últimos meses, vimos uma intensificação das ações dos grupos armados e a extensão dos teatros de operações no Mali, em particular. Parece estar acompanhada por uma diminuição dos ataques no Níger e em Burkina Faso. Uma hipótese que pode ser proposta é que esses grupos decidiram concentrar seus esforços no Mali na esperança de derrubá-lo e, assim, criar um efeito dominó. Está claro que, se o Mali caísse em suas mãos, os outros países estariam em perigo iminente, especialmente porque o Mali provavelmente é o melhor armado dos três hoje e essas armas seriam voltadas contra Burkina Faso e Níger.

Esse cenário é improvável, porém, porque esses grupos não parecem ter capacidade militar ou recursos humanos para tomar a capital e administrar o país, como Níger e Burkina Faso estão cientes da ameaça e certamente interviriam para preveni-la.

Outra hipótese é que o objetivo dos grupos armados é virar a população contra o regime e acelerar seu colapso. Aqui também, vimos recentemente os esforços conjuntos de Níger e Burkina Faso para afrouxar o bloqueio de Bamako transportando combustível para lá. Isso é muito diferente da situação de 2012, quando grupos armados só não conseguiram tomar a capital Bamako devido à intervenção francesa para detê-los. O exército maliano está muito mais bem equipado e experiente hoje, seja qual for a opinião

Cartograma 2. Ataques do JNIM as vias de transporte de Bamako (Mali)



Fonte: <https://africacenter.org/fr/spotlight/attaques-jnim-ouest-mali-sahel/>



Algumas publicações de Mamoudou Gazibo.... (ordem cronológica)

PROVINI, Olivier; GAZIBO, Mamoudou. Comment les régimes politiques déterminent-ils les politiques publiques? Réflexions comparées à partir des expériences du continent africain. In: DARBON, Dominique et al. (Org.). **Faire de l'analyse des politiques publiques en Afrique: résultats, enjeux et perspectives**. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, 2023. (No prelo).

MOUNOUNI, Charles; GAZIBO, Mamoudou. Sociologie de l'État et de la constitution en Afrique. In: KAMTO, Maurice; MATRINGUE, Jean (Org.). **Traité de droit constitutionnel africain**. Paris: LGDJ, coleção Droits africains, 2023.

GAZIBO, Mamoudou; LEMA, Abdou Rahim. From Non-interference to Adaptive Pragmatism. China's Security Policy in Africa. **African Studies Quarterly**, v. 21, n. 3, p. 1-20, 2022.

GAZIBO, Mamoudou. Learning from Each Other: The Belt and Road Initiative and Africa's infrastructure program. **Brazilian Journal of African Studies**, v. 7, n. 13, p. 11-32, 2022.

FARGION, Valeria; GAZIBO, Mamoudou (Org.). **Revisiting EU-Africa Relations in a Changing World**. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2021. 304 p.

GAZIBO, Mamoudou. Is Democracy Declining in Africa and What Role for China? In: FARGION, Valeria; GAZIBO, Mamoudou (Org.). **Revisiting EU-Africa Relations in a Changing World**. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2021. p. 252-267.

GAZIBO, Mamoudou. Electoral Administration. In: LYNCH, Gabrielle; VONDOEPP, Peter (Org.). **Routledge Handbook of Democratization in Africa**. London/New York: Routledge, 2020. p. 174-187.

SADOUNI, Samadia; GAZIBO, Mamoudou (Org.). **Migrations et gouvernance en Afrique et ailleurs**. Montréal: Presses de l'Université du Québec, 2020. 210 p.

GAZIBO, Mamoudou. Democracy and the Question of its Feasibility in Africa. In: CHEESEMAN, Nic (Org.). **The Oxford Encyclopedia of African Politics**. Oxford: Oxford University Press, 2019.

GAZIBO, Mamoudou. Les méthodes de la comparaison. In: DELOYE, Yves; DE WAELE, Jean-Michel (Org.). **Politique Comparée**. Bruxelles: Éditions Bruylant, 2018. p. 17-52.

GAZIBO, Mamoudou; MOUNOUNI, Charles (Org.). **Repenser la légitimité de l'État africain à l'ère de la gouvernance partagée**. Montréal: Presses de l'Université du Québec, 2017. 210 p.

NDULO, Muna; GAZIBO, Mamoudou (Org.). **Growing Democracy in Africa: Elections, Accountable Governance and Political Economy**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2016. 350 p.

GAZIBO, Mamoudou; JENSON, Jane. **La politique comparée: fondements, enjeux et approches théoriques**. 2. ed. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, 2015. 312 p.

BACH, Daniel C.; GAZIBO, Mamoudou (Org.). **Neopatrimonialism Africa and Beyond**. London: Routledge, 2012. 260 p.

BACH, Daniel C.; GAZIBO, Mamoudou (Org.). **L'État néopatrimonial: genèse et trajectoires contemporaines**. Ottawa: Presses de l'Université d'Ottawa, 2011. 392 p.